ARTES & literatura

O ESTADO

Supervisão de: J. MIGUEL DE MATOS — Domingo, 04 de Julho de 1971

2º CADERNO

Diálogo com o leitor

J. Miguel de Matos

Tito Filho e sua afilhadagem

Longe de mim a presunção descabida de polemicar com o Mestre Tito Filho, e se às vêzes tenho de dizer alguma coisa, com a pobreza da minha cultura provinciava, em contraponto a conceitos que saem de sua pena brilhante e que me dizem diretamnete, e porque não sei deixar doendo no coração, por formação biológica, a ponta do punhal que o feriu.

As críticas veladas que venho recebendo do mestre, pela imprensa falada e escrita, abrigando êle em sua casa os que me odeiam e me ferem gratuitamente, me fazem lembrar, de súbito, uma passagem dolorosa da minha adolescência no palco trágico da antiga Rua das Pedras, ali no beiço do Parnaíba, quando meu pai, vibrando no meu corpo jovem a sola do seu cinturão cruel, me punia altos que eu, pela idade, não podia deixar de cometê-las: "Resisti o quanto pude, pensando em correr para me livrar da taca que me queimava o couro, mas a lata que tinha na cabeça me tirava as pretensões de defesa, com a agilidade inteiramente nula. E, louco de dor, sem poder conter pelo chôro a ira do velho que quanto mais batia mais possesso ficava, só tive uma solução: atirei sôbre êle o conteúdo da lata e desaba-el em doida carreira por onde tinha vindo sem me importar, naquele instante, com as consequências do meu ato".

Tito Filho, para castigar minhas faltas, atira sôbre mim o conteúdo de sua lata dágua, mas certamente querendo, como eu queria frente a meu pai, jogar mesmo era lata.

Considerou correto o nome do livro de um poeta da terra "ÁRIAS SONOROSAS" — quando, na realidade, a nominação constitui uma autêntica anomalia no seu significado, pois ária quer dizer mesmo é: poesia para ser cantada, modinha, série de notas que constituem um canto, peça de música para uma só voz, parte final da cantata cantiga, refutando, está mais do que claro, para me bater com a mão enluvada para doer menos, minha crítica deslavada de ódio e feita no sentido meramente construtivo.

Publicou no jornal que lhe acolhe muito merecidamente trechos do meu livro "CAMINHEIROS DA SENSIBILIDADE" (1.o volume), em que, pelo sentido apologético da obra, faço elogio ao poeta Luiz Lopes Sobrinho, eleito para a Academia Piauiense de Letras, depois de andar sôbre o arame, equilibrado apenas por uma sombrinha.

E justifico aqui, para Tito Filho, o meu modo de proceder com os poetas que biografo: "O estudo crítico, na sua dissecação, na sua frieza de quem padejado com o zêlo de quem tem dredejado com o zêlo de quem tem entre as mãos um quebradiço pedaço de cristal, deixa quase sempre, no espírito do criticado — jungido ao natural cepticismo de quem espera uma rosa e colhe um espinho — algumas arestas que podem ferir, mesmo de leve, a frágil sensibilidade da alma poética".

Eis porque, biografando o poeta Luiz Lopes Sobrinho e outros vates, só pude me valer do elogio, correndo em auxílio do meu argumento Eduardo Campos, ao prefaciar o 3.o volume (ainda inédito) de "CAMINHEIROS DA SENSIBILIDADE":

"A entranhada comunicabilidade do escritor-recenseador com os seus biografados, autoriza, não desculpável de todo, um desdobramento das idéias motivadas pela familiaridade, pelas emoções, que favorecem o lugar-comum. Por vêzes, é a concessão do elogio, ao arrebatamento, que prejudica. Mas que se pode exigir de um escritor que vibra ao contacto da Poesia, que se pica por emoções as mais fundas quando depara um poeta do seu embrevecimento? É típica esta maneira de exaltar os seus biografados: "Foi muito violenta a entrada de Cristino Castelo Branco na sala sempre vazia do meu coração".

E estendo ao Mestre Tito Filho, mesmo depois desta rebeldia, a mão de antigo afilhado, para receber a bênção ou a palmatoada.

NOTA — Para atender a inúmeras solicitações, estou escrevendo, liberto de qualquer paixão, a história das eleições da Academia Piauiense de Letras, para o preenchimento das vagas das Cadeiras 17 e 25. O livro terá o seguinte nome: "JUNHO, 6". Vamos aguardar.

J. MIGUEL DE MATOS

SUMIDOURO

CONTO de Pedro Celestino

Acontece que o sumiço de mercadoria era tanto e o lucro tão diminuto que D. Rato e Dona Ratazana resolveram convocar o Conselho para pôr têrmo daquele sumiço.

Reuniu-se, então, o Conselho. E enquanto era discutida a fórmula salvadora, um rato do mato que fôra convidado a integrar o Conselho observou que seus colegas eram diferentemente outros — gordos, roliços, garbosos — demonstravam felicidade. Por certo não conheciam, como êle, as decepções do ofício. Resolveu levantar sua voz e pedir aos conselheiros fôsse posta uma sentinela, com a finalidade de descobrir o sumidouro.

Para isso era preciso um candidato e, consequentemente, eleição.

— Que se faça a eleição e que se convide o gato para candidatar-se a sentinela avançada.

Alguns ratos protestaram alegando que seria o exterminio dos roedores. Melhor era que todos vigiassem.

Rato do mato, porém, argumentava seguro e convincente, sustentando a preliminar de que em panela que muitos mexem ou sai insôsa ou salgada.

E os conselheiros retrucavam que nenhum dentre êles tinham a coragem precisa de ir até ao gato e convidá-lo para tanto.

Rato do mato afirmou que se entenderia com o gato. E assim foi feito, porque o que existia era uma gata, velha e cega, que os ratos passavam sôbre ela e a bicha não fazia nem miau.

Todos contentes. Agora roeriam com maior intensidade.

Rato do mato, sempre desconfiado, nada roia, pouco frequentava o ambiente. Certa feita fôra convidado a roer, às caladas da noite, algum petisco. Arguiu que era perigoso. Mas tanto lhe disseram que a sentinela era velha e cega que êle aceitou. Ao entrar, porém, notou duas tochas que faiscavam em sua direção. Voltou e disse ao companheiro:

— Entra primeiro, está acostumado.

E o afoito roedor chamou-lhe moleza e, garbosamente, avançou. O salto foi seguro, e o infeliz esperneou, guinchou, mas não escapou.

— Mais vale rato magro no mato, que gordo no sedém do gato...

Engenho de Madeira

DA COSTA E SILVA

Na remansosa paz da rústica fazenda
Á luz quente do sol e á fria luz do luar,
Vive, como a expiar uma culpa tremenda,
O engenho de madeira a gemer e a chorar.

Ringe e range, rouquenha a rigida moenda
E, rigindo e rangendo, a cana a triturar,
Parece que tem alma, adivinha e desvenda,
A ruina, a dor, o mal que vai, talvez, causar...

Movida pelos bois tardos e sonolentos
Geme como a exprimir e, doridos lamentos,
Que as desgraças por vir, sabe-as tôdas de cór.

Ai! dos teus tristes ais! Ai! moenda arrependida!
—Álcool! para esquecer os tormentos da vida
E cavar, sabe Deus, um tormento maior!

Poeta Antônio Francisco Da Costa e Silva. Filho da cidade piauiense de Amarante. Nascimento: 1885. Morte: 1950 (Rio de Janeiro). Obras: Sangue (Recife, 1908), Zodíaco (1971), Verhaeren (1917), Pandora (1919) e Verônica (1927). Sôbre o poeta. Nestor Vitor em Cartas à gente nova (Rio, 1922); Antônio Tôrres em Verdades indiscretas(Rio, 1920); Medeiros e Albuquerque em Páginas de crítica (Rio, 1920; Tristão de Ataíde em Contribuição à História do Modernismo (Rio, 1939; Agripino Grieco em Evolução da Poesia Brasileira (Rio, 1932) e J. Miguel de Matos em Caminheiros da Sensibilidade (Teresina—Piauí, 1966—1º volume).

INTERPRETAÇÕES: Sôbre o Conto e os Contistas

PEDRO MARQUES

Maupassant e Machado de Assis são, com efeito, as duas grandes matrizes estruturais do nosso conto.

Ao estudarmos o conto, devemos ter em mente duas características importantes: a forma estrutural e, em segundo lugar, a substância.

A substância, pelo comum, oferece aos estudiosos diversas motivações que, submetidas à análise mais acurada, deverão oferecer os dados preciosos para um julgamento real da obra e de suas qualidades.

Alceu de Amoroso Lima, estudando o conto, disse reconhecer nêle duas vertentes; uma formalista e a outra socializante, e, acrescentou: "... a primeira, de predominio lícito, e a segunda, de tendencia extrovertida".

Consolidaram essas qualidades de nosso conto escritores como Ribeiro Couto, Gastão Cruz, Aníbal Machado, Moreira Campos, Graciliano Ramos, Luiz Jardim; Marques Rebelo, Orígenes Lessa e muitos outros. Falam em "introspecção", em "linguaguem interior", em "estilo indireto e aparente", quando se trata de conto moderno. Achamos que tais denominações são meras atitiudes para justificar uma única novação do processo usado por Catherine Mansfield, por Franz Kafka e por William Saravan, denominado é "monólogo interior".

A influencia dos três últimos foi notória na obra de Ricardo Ramos, Samuel Rawet, Jorge Medauar; Renard Pérez, Edilberto Coutinho e muitos outros. Além da influencia direta sofrida por aquêles, pode mos realçar "o mundo horrivelmente deformado" do contista Oto Lara Resende, no seu livro "Na bôca do Inferno", em razão da enorme influência de Franz Kafka. Menor predominância dessa Influência se nota em Breno Acioli — no hermetismo ilógico e, tambem, em Dalton Trevisan — na contenção dramática de seus contos minúsculos, e, como [illegible] vistos e imaginados, descobrindo o lado triste do homem, numa fuga da aparência [illegible]

[illegible] um grande número de contistas que se destacam em diferentes caminhos e, dado a isso, com segurança escrevem obras cuja técnica não foge dos moldes estereotipados [illegible]

Destacamos, contudo, uma consciencia nova em nosso conto, cuja profundidade atingiu um ponto distinto e a expressão artística amadurecida de que êle tanto estava carecido. Para atingir êsse ponto, reagiu ao velho modelo e nessa reação se livrou de certas virtuosidades batidas e rebatidas, criando um campo de amplas perspectivas e coerente com as condições materiais da vida social.

Neste momento exato surgem, no Piauí, diversos contistas e romancistas, destacando-se, dentre êles: O.G. Rego de Carvalho — 1956 ("Amor e Morte"; estilo limpo, objetivo e com ótima captação da realidade circunstancial, onde o ser humano com seus sonhos e suas dôres, constitui o núcleo de suas observações, a razão de ser de sua arte.

Em 1958, com o livro 'Chão de meu Deus", Fontes Ibiapina estréia. Obra de adulto, contos bem estruturados e, portanto, dignos de estudos nos seus mínimos detalhes. Estilo meio derramado, mas firme. Não havia no seus contos aquela contenção verbal dos Graciliamos, mas aquele derramado gra[illegible]

[illegible] vêzes que [illegible] de [illegible] de dôres; de [illegible] homem [illegible] que, para [illegible] pede a Deus força; para [illegible] que a força brota da terra, pela [illegible]; chega o pelo; sai pelos braços, desce pelo [illegible] da cidade e entra na terra outra vez". Nas suas "estórias", até certo ponto contadas com graça, mas nelas, quando vistas em profundidade, sentimos uma vacuidade psicológica. O homem do sertão é retratado exteriormente, o cronista não se aprofundado por falta de fôlego prospectivo, nos recessos da alma do caboclo para arrancar as eternas qualidades que se exteriorizam pela hospitalidade; reserva natural; a desconfiança macia e a tenecidade, como se êle se agitasse sem o sôpro vivificador do espírito.

A influencia de José Lins do Rêgo é notória na obra de Fontes Ibiapina, sentindo-se a sua poderosa presença, na fôrça de sua prosa crítica, nos cenários e nos personagens explorados pelo escritor piauense. Ali mesmo, naquela angústia e naquele desespêro que rondam a atmosfera romanesca do autor de "Fogo Morto", acha-se, nas menores frações; a tessitura urdida por Fontes Ibiapina: "Era um gemidão bonito, o gemido do búzio. Um gemidão saudoso chega sacolejava a alma da gente". ("Tangerinos", página 49).

Passagem esta que nos acorda à mente o cego Ladislau — do romance "Pureza" — gemendo na rabeca, num gemido dolorido e muito capichado na tristeza.

Outro contista valioso é Pedro Celestino de Barros — "Sinais da Séca" — contos estruturados no modelo clássico e, embora apresentem certas deficiencias psicológicas, são ótimas "estórias" e com motivações reais e objetivas.

Recentemente, Magalhães da Costa publicou "Casos Contados" — contos sob estilo num sopezeo escorreito, bem característico. Livro pequeno no porte, mas de grande conteúdo expressional, chegando a ganhar do veterano Fontes Ibiapina conceitos eloquentes.

Estes são, na atual geração, os nossos criadores de símbolos e serão, nesta página domingueira, apreciados com a mais absoluta imparcialidade, em seus aspectos fundamentais, para que, entre nós, doravante, não andem os nossos homens de letras de peito estufado pelo elogio fácil e capcioso da afetividade, para que o Piauí possa se ufanar, realmente, de seus autênticos valôres-julgados pelo crivo apertado da crítica e não sòmente pela consagração emanada apenas dos dotes bondosos do coração.

Nosso respeito humano e nossa palavra serena e sincera de apreciador do bom e do belo.

Oração diante de uma colmeia

Pe. Mauricio Vasquez

SENHOR, estou diante de uma colmeia. Aliás, parece me—que por aqui há um verdadeiro colmeal. Ali no alto, reside um enxame. E um entra-e-sai organizado neste cortiço. Não sei quantas abelhas existem, isto é, moram neste cortiço. Mas é uma porção quase incalculável, pelo movimento que tenho apreciado à porta desta colméia. Que beleza, Senhor! Tôdas trabalham e, embora exista uma hierarquia natural entre elas, percebe-se que há uma perfeita unidade de equipe. Sim, Senhor, há uma turma delas, que se encarrega de trazer água para o «habitat» Outras, no interior do cortiço, preparam a cêra e dividem o mel em favos. Outras fazem o policiamento voando em redor, por fora e por dentro. Seria desconfiança interna, Senhor? Há outras que dançam. Estas são as abelhas do cerimonial da abelharainha. Existe o zangão, que nasce para ser a abelha—atleta, pois precisará de muito treinamento para aceitar a sua côrte, para o que o provocará com o vôo sensual e preludial de sua lua-de-mel. Há, lá dentro, uma outra abelha, que se mantém, quase imóvel. De onde está, fiscaliza e supervisiona tudo como se fôsse gerente. Ela é conhecida como abelha-mestra. Enquanto reparo tudo isto, Senhor, fico a pensar como deste inteligência até a êstes bichinhos, havidos como sêres irracionais. Alí vão as abelhas portadoras de água. Pouquíssimas gramas ou miligramas de água elas carregam, mas para que, Senhor? Sim, Senhor, elas são os aquedutos volateis. Foi examinando a função destas abelhas que os homens inventaram o aparelho de ar refrigerado. Sim, porque elas trazem a água debaixo de suas asas e se postam a dardejá—las à porta da colmeia para formar o meio ambiente para a conservação do mel e da cêra. Outra coisa interesante é a geléia concentrada no mel. Últimamente, cientista descobriram que esta geléia fabricada em colmeias é o melhor remédio para a longevidade e cura da velhice precoce, recomendada até pelos modernos periatras. Quem sabe, Senhor, se isto não seria o caminho para a imortalidade orgânica do homem, que, pelo menos intencionalmente, o criaste imortal, segundo se depreende de Tua Palavra, no livro de Gênesis, capitulo três, versos vinte e dois a vinte e quatro. Faze que possamos ser como as abelhas, porque nesta hora penso que elas são os querubins que colocaste guardando as portas do Teu jardim e, mais inteligentes que os homens, elas souberam extrair da árvore da vida aquilo que estava à nossa disposição desde o princípio do mundo. Para esta alma imortal, faze que o corpo não seja menos digno, como aliás, lemos em tua Palavra e nos Credos. Amém.

Instituto Elias Tôrres

Matriculas abertas para novas turmas com finalidade de prestar os primeiros exames em outubro.

Cursos:

1—Ginásio, Clássico e Científico em 11 meses.

2—Primário e Admissão ao Ginásio

3—Ginásio Clássico e Científico Madureza funcionando apenas aos sábados, Domingos e Feriados para donas de casa e pessoas que trabalham em horário integral durante a semana — Aulas Apostiladas

4— Aulas Particulares de Matemática, Inglês, Física e Química para tôdas as séries do Ginásio e Científico Turmas de 10 alunos em todos os horários.

Lembrem-se que o mundo moderno cada dia mais valoriza títulos. O Direito a um lugar ao sol que todo procuram y mais fácil encontrar através da cultura e dos títulos. Não percam as oportunidades que se apresentam, sinão em tempo diante devoções.

AQUI!

Os fatos mundiais

Hippie sanguinária

Quem a vê assim, nem dirá que a hippie Ângela Davis é capaz de matar. Matar e muito mais. Sim, porque, contra ela, pesam acusações sem conta de violências terrivels, desde a morte de um juiz, eliminado em agôsto do ano passado, a sequestro e conspiração. Contudo, fria, sorrindo e aparentemente indiferente ao castigo que a espera, o qual, dada a sua periculosidade e antecedentes, deverá ser a morte na câmara de gás. Ângela compareceu ao Tribunal de San Rafael, na Califórnia, para um nôvo depoimento, tal qual mos a Radiofoto da UPI

Senador chora ao ler Dossiê

WASHINGTON — O Senador democrata Mikie Gravel leu ontem em voz alta, na sala da Subcomissão de Fôrças Armadas do Senado, trechos do dossiê secreto do Pentágono sôbre o Vietnam. Em três ocasiões o Senador perdeu a voz e chorou.

Gravel, de 41 anos, Senador pelo Alaska, disse aos jornalistas que corria o risco de ser expulso ou censurado pelo Senado, mas que lia os trechos dos documentos por amor à Pátria". Umas 50 pessoas que estavam na sala o aplaudiram.

A leitura durou três horas e meia. Às 2 horas da madrugada de hoje, Gravel chorava ao dizer que "a maior democracia representativa que o mundo já conheceu, a pátria de Jefferson e Lincoln, viu seu nariz esfregado na lama por pequenos caciques guerreiros, generais vietnamitas invejosos, traficantes do mercado-negro e de drogas em grande escala".

Dos trechos lidos por Gravel, chega-se à conclusão de que o envolvimento dos Estados Unidos na Indochina começou com a necessidade de optar entre o apoio ao colonialismo francês ou ao comunismo de Ho Chi Minh. Os Estados Unidos optaram pelo primeiro.

EUA indenizam turquia para não produzir ópio

WASHINGTON, — O govêrno da Turquia, fornecedor da metade do consumo mundial de ópio puro e de 60 por cento da heroina que chega ilegalmente aos Estados Unidos, anunciou que proibirá completamente a plantação de papoulas e a produção de ópio a partir do outono (setentrional) de 1972.

O anúncio feito em Ankara, culminando 10 anos de negociações do govêrno turco com os Estados Unidos, foi saudado pelo Presidente Richard Nixon como um "ato corajoso" e "uma significativa colaboração" aos esforços para controlar o consumo de heroina no mundo inteiro. O Secretário de Estado William Rogers disse que os Estados Unidos indenizarão 75 mil famílias de agricultores e o Estado turco por suas perdas ao abandonar o cultivo de papoulas, de onde é extraida a heroína.

França quer acôrdo para pescar nas 200 milhas do Brasil

Foram iniciadas, em Brasília, as conversações preliminares entre delegações da França e do Brasil, com vistas à concretização de um acôrdo que permita a barcos franceses pescarem em águas do mar territorial brasileiro de 200 milhas. Sòmente segunda-feira, entretanto, terão começo as negociações oficiais Brasil-França sôbre acôrdo de pesca, uma vez que estas conversações que hoje se iniciam têm caráter exploratório.

Por seu turno, as delegações do Brasil e de Trinidad-Tobago, concluiram, ontem, os entendimentos exploratórios que vinham sendo realizados desde segunda-feira última, e que visam, igualmente, a realização de um acôrdo de pesca para o mar territorial brasileiro. Ao final das conversações preliminares ficou assentado entre os representantes dos dois governos que as negociações serão retomadas a partir do dia 14 de julho, desta feita em caráter oficial.

HOROSCOPO

04- 07 - 71

Pensamento do Dia

"Visão é a arte de ver as coisas invisíveis"

(JONATHAS SWIFT)

ARIES

21 MARÇO A 20 ABRIL

Vida social e efetiva sob bons aspectos. Negócios e finanças exigem cuidado. Noticias provavelmente vindas de longe.

TOURO

21 ABRIL A 20 MAIO

Escute com muita cautela tôdas as propostas. Pequenos mal entendidos familiares. Contrariedades e nervosismo.

GEMEOS

21 MAIO A 20 JUNHO

Não deixe o ciume atrapalhar sua vida sentimental. E preciso ter confiança em si e nos outros. Espere uma surpresa.

CANCER

21 JUNHO A 21 JULHO

Os fluxos estão muito bons para você; amizades, harmonia no ambiente, negócios bem caminhados. Saiba tirar proveito.

LEAO

22 JULHO A 22 AGOSTO

Período de fluxos mistos. Procure manter seus pontos de vistas mas não force situações. Adie negócios importantes.

VIRGEM

23 AGOSTO a 22 SETEMBRO

Calcule as coisas de modo racional e ordenado. Trabalhe com otimismo e disposição de vencer pequenos obstáculos. Fé.

LIBRA

23 SETEMBRO A 22 OUTUBRO

Em questões de dinheiro é melhor ter vistas para o futuro. Economize. Estado mental com Proteção de pessoas importantes.

ESCORPIAO

23 OUTUBRO A 21 NOVEMBRO

Poderão surgir pequenos problemas no ambiente doméstico. Ponha um freio em sua agitação. Tenha e noite agradáveis.

SAGITARIO

22 NOVEMBRO A 21 DEZEMBRO

Para você são boas as possibidades de realizações hoje. Coração feliz, harmonize no meio ambiente. Boa sorte.

CAPRICORNIO

22 DEZEMBRO A 20 JANEIRO

Na vida sentimental, alguns alto e baixos. As questões economicas devem ser tratadas com atenção. Vida social. O K.

AQUARIO

21 DE JANEIRO A 19 DE FEVEREIRO

O período oferece bons aspectos. Seus planos poderão realizar-se de modo imprevisto. Bom Humor, lucros, vida sentimental feliz.

PEIXES

20 FEVEREIRO A 20 MARÇO

Boa disposição e melhor Saúde; aspirações artisticas, romantismo; bons presentimentos relacionados com assuntos financeiros.

Posto Cacique de Audir Carvalho

AGORA COM O MELHOR SERVIÇO DE LAVAGEM E LUBRIFICAÇAO DA CIDADE
AV. MIGUEL ROSA 3860: S — FONE: 30-75
T E R E S I N A — P I A U I

FATOS & RUMÔRES

EM PRIMEIRA MÃO

HÉLIO FERNANDES

O ministro Alfredo Buzaid fixará hoje o local da reunião do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, marcada, como já se anunciou, para o dia 13 de julho. Em princípio, a reunião será realizada na Guanabara, em seu gabinete, onde estão todos os processos em pauta, a maioria já relatada pelos membros designados pela Comissão. O nôvo secretário do organismo, sr. Leonardo Grecco, chefe do gabinete do ministro, começou ontem mesmo, no Rio, a juntar os processos em tramitação.

O senador Nélson Carneiro, líder do MDB no Senado e que integra o Conselho, estêve, ontem, com o sr. Leonardo Greco para entregar-lhe vários processos que relatou e que lhe haviam sido encaminhados, em março passado, quando se realizou a última reunião do Conselho. O senador Nélson Carneiro não quis revelar que processos são êsses, mas admite-se que se tratam de representações de entidades de classe contra a ação policial.

--)0(--

Um assunto que forçosamente entrará em pauta na próxima reunião do Conselho: a ação do chamado "Esquadrão da Morte". O processo já está relatado (o relator não é conhecido porque a sua designação foi feita sigilosamente) e deverá receber decisão final do Conselho na próxima reunião.

--)0(--

Pelé permanece irredutível no seu propósito, já anunciado, de se despedir da seleção brasileira no dia 17 de julho (jôgo com a Iugoslávia). E continua insensível a todo tipo de apêlo que lhe tem chegado de tôdas as partes do Brasil, até mesmo do Palácio do Planalto. Aliás, o presidente Medici mandou pedir oficiosamente a Pelé para que não deixasse a seleção, pelo menos até o final do atual govêrno, isto é, até 1974. Pelé, mesmo se dizendo sensibilizado com a iniciativa do chefe do govêrno, respondeu que a sua saída da seleção é definitiva, embora pretenda ainda continuar jogando o seu "futebolzinho" pelo Santos por mais dois anos.

--)0(--

O ministro Júlio Barata faz, amanhã, no auditório do IPASE, uma conferência sôbre o tema "Integração de Serviços", abordando o PIS, o plano do funcionário público e a assistência ao trabalhador rural. Analisará, também, o recente decreto do presidente da República, que instituiu a "Central de Medicamentos", idéia que eu considero, como afirmei, ontem, muito boa no papel. Mas para sua execução prática há uma distância enorme a percorrer e muitas dificuldades terão que ser vencidas, pois os frustes estrangeiros "não brincam em serviço".

--)0(--

Mais uma da **COHAB-GB**, neste descalabro que é o govêrno Chagas Freitas. Uma chantagem está sendo feita com os empreiteiros que executaram o Programa 7 de Setembro, construindo 18 mil apartamentos para a erradicação de favelados. A .... COHAB e a CHISAM, que se revelam incapazes para fazer as mudanças, estão devendo mais de Cr$ 7 milhões (bilhões antigos) às construtoras, a quem não pagam desde que Chagas e Bulhões assumiram o govêrno. E mais, finda as obras, o que ocorreu há meses, a COHAB não dá a "aceitação", condição contratual para se retirarem os empreiteiros dos canteiros, a fim de serem ocupadas as habitações.

--)0(--

E' inacreditável o que está acontecendo com a Comissão sôbre Tóxicos, criada pela Assembléia Legislativa do Estado, presidida pelo deputado-médico Aparício Marinho. As duas últimas reuniões dessa Comissão não puderam ter seus trabalhos abertos por falta de número. E' incrível que um assunto tão importante e de verdadeiro interêsse nacional seja tratado com tamanho descaso. Se os próprios membros da Comissão de Tóxicos não têm interêsse em prestigiá-la, por que sua criação? E por que então não renunciam à Comissão para que outros deputados sejam designados?

--)0(--

Na última reunião o convidado foi o general **Jaime Graça**, que há pouco tempo lançou um excelente livro abordando o problema de tóxicos, e que é autoridade reconhecida no assunto. Pois bem. **Na última quinta-feira apenas dois deputados compareceram à Comissão a fim de ouvir o depoimento do general sôbre o dicutido problema. Faz sentido isso? A Assembléia convoca uma autoridade (qualquer que seja ela) para depor e depois não dá número para a abertura dos trabalhos. O que diz disso o presidente da própria Assembléia?**

URGENTE

Enquanto reúne coragem para assumir a presidência da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), que continua vaga à espera de uma decisão que não virá, o sr. Manuel Francisco Nascimento Brito faz carreira como freqüentador do Maracanã. Antes, ia modestamente de cadeiras numeradas. Depois, usando as aspas de jornalista, passou a freqüentar o recinto destinado à imprensa, o que era uma mais do que evidente usurpação.

—x—

Agora, utilizando as prerrogativas e os direitos de dono (ou genro?) do único jornal da Guanabara que apóia o govêrno catastrófico do sr. **Chagas Freitas**, o sr. Manuel Francisco Nascimento Brito se empoleira risonhamente na primeira fila da **Tribuna de Honra** do Maracanã e, de lá, "do alto daquela pirâmide" contempla tranqüilamente o mundo dos menos venturosos.

—x—

A felicidade do doutor (doutor mesmo) Manuel Francisco Nascimento Brito era visível a qualquer distância, acentuando ainda mais a sua notória condição de Dom Manuel, o Venturoso. Seu sorriso de ponta a ponta de um rosto modelado e iluminado pelo prazer era a própria satisfação de um homem que se sente no Poder. Um poder regional, estadual ou o que seja, mas, de qualquer maneira, O PODER.

—x—

Para os homens como Dom Manuel, o Venturoso, a chave do sucesso é uma chave pequena e que entra em qualquer fechadura, porque suas ranhaduras são as mais comuns e rotineiras. Formado na convicção de que o mundo é uma vasta "genrocracia" e que essa condição não envolve nem exige compromissos ou escrúpulos de qualquer espécie, o doutor Manuel Francisco Nascimento Brito vai de vitória em vitória, sem chegar sequer a experimentar a potência do próprio chute, pois para essas vitórias não precisa nem entrar em campo. Basta, na maior parte das vêzes, a gazua de editoriais que não são nem escritos por êle, pois a única coisa que escreve é o próprio nome para saques em contas bancárias cada vez mais elevadas, precisamente por via dêsses mesmos editoriais.

—x—

Dom Manuel, o Venturoso. Um nome, um homem, uma legenda de prazer, a ambição eterna de desejar tôdas as coisas, embora conseguindo apenas não ser nada.

O MISTÉRIO DO HOMEM SEM CARA

Um dêstes passageiros russos do Tupolev-144 fugiu para o Ocidente: era o Von Braun das pesquisas espaciais soviéticas

Quando o Tupolev chegou a Paris ninguém se preocupou em identificar entre os homens da delegação russa quem era quem.

O que se passou em Paris com o sábio soviético Anatoly Fedosseiev parece com o capítulo inicial do romance **Topaz**, de Leon Uris, ou com um típico filme de espionagem de Alfred Hitchcock. O famoso cientista, considerado o Von Braun da corrida espacial russa, sumiu de Paris e foi reaparecer em Londres, como refugiado político. Tudo começou numa tarde quente de fim de maio, com a chegada da delegação soviética ao Salão Internacional da Aviação de 1971, no aeroporto de Le Bourget.

A delegação soviética, de oitenta pessoas, vinha chefiada pelo vice-ministro da Pesquisa Espacial da URSS, no grande avião supersônico Tupolev-144, rival do **Concorde** anglo-francês. Anatoly Fedosseiev era a segunda pessoa da delegação. Tinha como incumbência especial explicar aos visitantes da seção soviética as últimas conquistas alcançadas no espaço cósmico, inclusive com o lançamento da recente estação orbital tripulada. O professor se hospedara num pequeno hotel do Boulevard Rochechouart e era pontualíssimo no seu trabalho. Seu entusiasmo e dedicação não davam lugar a dúvidas ou suspeitas.

Entretanto, êle embarcara no Tupolev com o propósito deliberado de ficar no Ocidente. Sem que se saiba como, fêz contato com autoridades francesas e, com o maior sigilo, pediu-lhes asilo, como refugiado político. Disse que sua intenção, caso fôsse atendido, era fixar-se na França. Mas os franceses não demonstraram o menor interêsse. Tinham receio de incorrer nas iras soviéticas e de passar por maus hospedeiros. O professor russo teria ficado indignado e ameaçado um dia contar ao mundo a atitude dos franceses. Mas nada conseguiu com essa ameaça.

VOLTOU-SE, então, para os inglêses. Um dia, desapareceu êle de Paris, sem deixar traço. E a 18 de junho reaparecia em Londres. Ou, melhor, não aparecia, pois apenas se anunciava, através de uma nota do Foreign Office, que o govêrno da Inglaterra lhe concedera o desejado asilo. Como se transportara Fedosseiev de Paris para Londres? Há duas versões. Uma nos é comunicada por Flávio Costa, da sucursal de MANCHETE em Paris. Diz-se que um helicóptero francês o levou de Paris a Bruxelas, de onde êle teria ido para Londres, por outro meio de transporte. Outra nos é comunicada de Londres por nossa correspondente, Zora Seljan: o sábio soviético teria simplesmente tomado em Paris um trem para Calais e de lá teria atravessado, numa barca-ferry, o canal da Mancha, desembarcando em Dover, já com tudo combinado para o asilo oficial na Inglaterra. Onde está a verdade? Talvez numa terceira versão, mantida em absoluto sigilo. O sábio soviético está sendo chamado "o homem sem cara", porque ninguém lhe conhece exatamente as feições — e isso reforça as características de romance de espionagem de sua singular aventura. Entretanto, sua cara deve estar entre as dos oitenta homens que desembarcaram do Tupolev-144, no aeroporto de Le Bourget. Lá havia dezenas de fotógrafos, de objetivas em punho. Os russos importantes foram os primeiros a descer. Entre êsses estava Anatoly. Seria o homem gordo e sorridente, prelibando já as delícias da liberdade ocidental? Ou aquêle de óculos escuros, já com o ar de personagem de filme de mistério? Ou outro, por trás dêsse? Ninguém sabe. Anatoly estava lá, mas a reportagem não se preocupou em identificá-lo. Para ela, o que havia era um magote de russos, de funcionários de Moscou, dêsses que nada têm a dizer.

NINGUEM podia imaginar que Fedosseiev fôsse fugir. Mas êle fugiu. O que se sabe é que êle tem 52 anos. Ninguém pode dizer se usa ou não bigodes, se é gordo ou magro. As agências de informações deram buscas frenéticas aos seus fichários e nada conseguiram descobrir. Só acharam um nome. Cara, mesmo, não.

Em Londres, o Foreign Office tem sido assediado. Mas nada revelou aos jornalistas, a não ser isto: "O professor está em seguro, sob a guarda de membros da nossa Special Branch, em qualquer parte do norte do país."

A região é vasta. Procurar nela um russo sem cara é o mesmo que procurar agulha em palheiro. Tanto mais que pode se tratar exatamente do contrário, a fim de desviar a atenção geral do verdadeiro abrigo do exilado, localizado, talvez, num subúrbio qualquer de Londres.

A atitude inglêsa provocou, logo, uma represália: o cancelamento da visita de quatro eminentes cientistas nucleares húngaros — Simonits, Vass, Rausch e Salamon — que deviam comparecer a um simpósio científico em Cambridge.

No primeiro momento, a importância do Professor Anatoly foi exagerada. Chegou-se a dizer que êle era o próprio vice-ministro da Pesquisa Espacial. Mas não há dúvida que é um cientista importante que segue, na Inglaterra, o exemplo dado, há dez anos, pelo bailarino Nureiev. Desde êsse caso, nenhum pedido de asilo provocara tanto ruído como o do "homem sem cara".

É possível — e até provável — que Anatoly Fedosseiev seja um dêstes, pois consta que êle foi um dos primeiros a saltar.

UMA NAÇÃO SUICIDA

NÉLSON RODRIGUES

1

Vocês sabem que a nossa época conseguiu degradar o palavrão. Isso é pacífico. Em passado recente, tínhamos cuidados, escrúpulos, pudores de linguagem. E o palavrão, para ser usado, exigia clima, hora e local próprios. Eu me lembro de um amigo que estava nas últimas. O médico já avisara: — "Nem milagre." Alguém bateu o telefone para mim: — "Nosso amigo está desenganado. Não passa de hoje."

2

Tentei levar o amigo do telefonema. Mas êle não teve papas na língua: — "Não vou à morte de ninguem. So irei à propria morte." A minha vizinha, gorda e patusca, diria: — "Ósso não se discute." Eu não disse nada e fui sòzinho. Já do portão, ouvia a dispneia. Na casa, tôdas as luzes acesas como para uma festa. Entro e a mulher do moribundo disse, chorando: — "Vem comigo, vem." E baixa a voz: — "As unhas já estão roxas." Naquele momento, invejei o outro amigo que só compareceria ao próprio velório.

3

E o pior vocês não sabem: — estava lúcido. Lúcido e mais lúcido do que nunca. Aproximo-me, em pânico. Inclino-me: — "Fulano, estás melhor?" A pergunta ali, em tais condições, era de uma crueldade involuntária, mas hedionda. Seu olhar varou-me, fisicamente. Quer falar. Inclino-me ainda. E êle disse, ao meu ouvido, com um mínimo de voz, seu último palavrão terreno.

4

Por aí se vê que havia entre o brasileiro e o palavrão uma certa solenidade, uma certa cerimônia. O sujeito o dizia em situações extremas. Ou quando morria, ou quando matava, ou quando sofria de dores bárbaras. As mulheres, não. As meninas, as mocinhas, as senhoras, jamais ousavam o chamado nome feio. Mas como eu ia dizendo: — em nossa época, o palavrão é tão normal, tão automático, como o bom dia, o boa tarde, o "olá", o ôba.

5

Há dias, fui a um sarau de grã-finos no Alto da Boa Vista. A dona da casa, de vestido longo, um decote pior do que o seio nu — recebia os convidados, com um palavrão, sem exceção de vários membros do Corpo Diplomático. E todos achavam de uma deliciosa originalidade aquêle cumprimento. Imaginem vocês todos assim. A metade da cidade, berrando para outra metade (de uma calçada para outra calçada): — "Como vai, sua (segue-se o palavrão). A outra responderia: — "Eu bem. E você sua (segue-se o palavrão).

6

Mas falo, falo e ainda não disse o essencial. O essencial é o seguinte: — se uma colossal epidemia varresse a terra; e se, em virtude dessa epidemia, morressem todos os palavrões — um sobreviveria. Ei-lo: — liberdade. Não há um som mais aviltado. Ao mesmo tempo, é certo que não podemos passar sem o palavrão. E aqui começa o mistério: — até prova em contrário, o homem não nasceu para ser livre. Não nasceu e nem gosta de ser livre. Outro dia, fiz eu o espantoso paralelo: — de um lado, o fracasso da liberdade ocidental; de outro, a vitória da escravidão socialista.

7

Vale a pena pensar um pouco nos Estados Unidos. Fora de dúvida, é a pátria mais livre do mundo. E também não há dúvida que é a pátria mais infeliz do mundo. Lá, todos são livres para o crime, para a virtude, para o vício, etc. Querem matar um Kennedy? Vamos matar o Kennedy. Interessa-nos matar outro Kennedy? Assim como morreu Johnny, morrera Bob. Há um líder negro pacifista: — é fuzilado. Leva-se uma peça em que uma mulher, nua, faz um uso obsceno da bandeira americana. Outra peça, ainda na presidência de Johnson, afirma que êle e a mulher são assassinos do primeiro Kennedy.

8

Por outro lado, a televisão e os circuitos normais de cinemas apresentam um filme francês, com um título que já é um julgamento: — "As atrocidades americanas no Vietnam". Os universitários querem destruir as universidades, sim, as universidades que são as melhores da terra. Se perguntarem por que essa espantosa autoflagelação, o óbvio dirá: — é a liberdade. Sendo o mais livre do mundo, o americano precisa sujar, aviltar a liberdade.

9

Ainda agora explode o escândalo da publicação de documentos ultra-secretos, roubados do Pentágono. Se tais documentos fôssem estampados na imprensa soviética, chinesa ou cubana, todos achariam correto. Os inimigos dos Estados Unidos, com exemplar coerência, estariam fazendo contra os Estados Unidos uma guerra imprensa.

10

Acontece que, convencionalmente, a imprensa norte-americana não é inimiga dos Estados Unidos. Aqui começa o mistério: — a imprensa norte-americana é inimiga, sim, dos Estados Unidos, e como tal age e reage. Tôdas as guerras têm seus segredos. Ninguém precisa ser muito realista para enxergar o óbvio, isto é, que segredos, e do mais alto interêsse nacional, não são manchetes. Mas, como os jornais dos Estados Unidos são livres, divertem-se publicando o impublicável. O Govêrno protesta e o caso vai ao Judiciário.

11

Vale a pena reexaminar o caso: — documentos são roubados do Pentágono. Se há roubo, houve também o ladrão. O Govêrno recorre à Justiça. E esta que faz? Reconhece o roubo como tal? Não. Ninguém reconhece o roubo como tal. Pelo contrário: — a Justiça americana também se comporta como se inimiga fôsse dos Estados Unidos. A coisa foi parar na Côrte Suprema, ou Suprema Côrte. A Suprema Côrte é também a Suprema Pose. Lá os Presidentes tremem quando recorrem à infalibilidade do mais alto tribunal.

12

Roubo de documentos secretos, de interêsse nacional, em tempo de guerra, não admite dúvida, nem sofisma. Mas, enquanto os melindres legalistas dos juízes travam medidas urgentes, providências fulminantes, as publicações continuam. E nós verificamos que também existem as liberdades abjetas. O máximo que o Govêrno consegue é punir o culpado com uma fiança de cinqüenta mil dólares. O Estado pedia cem mil. Mas houve o meio têrmo, e o ladrão foi sumàriamente pôsto em liberdade. Onde arranjou os cinqüenta mil dólares? Claro que foi a imprensa que pagou. Ou, como nos filmes, uma potência inimiga.

13

Parece um episódio intranscendente. Todavia, pensando bem, verificamos que o maior país do mundo vive na solidão mais brutal. Não há maior inimigo do norte-americano do que o próprio norte-americano. É o povo mais rico do mundo, mais poderoso, mais realizado. Mas é como se neste fim de século sentisse na carne e na alma o tédio do poder, da riqueza, da abundância.

14

Vejam bem: — a imprensa norte-americana dos Estados Unidos tem tôdas as liberdades, inclusive a de trair a pátria. E se isso fôsse na Rússia?, ou na China?, ou em Cuba? Ou em qualquer país da "Cortina de Ferro"? A publicação, não digo de documentos secretíssimos do PC, é uma hipótese cômica. Tempos atrás, contei aqui mesmo a visita que fêz um jornalista americano à União Soviética. Levaram-no às oficinas do "Pravda". O homem vê as linotipos, as rotativas etc. etc. Acha tudo muito bonito. E, súbito, quer ver a redação.

15

Houve um espanto: — "Redação?" Êle insiste: — "Sim, a redação." Foi um custo para que o visitante percebesse que na imprensa russa não existe redação, desde 1917. O americano está alarmado. — "Jornal sem redação?" Os seus acompanhantes explicaram que a redação era um luxo inútil, e por um motivo muito simples: — na Rússia ninguém discorda de ninguém.

16

Enquanto a imprensa norte-americana, usando documentos roubados, humilha o seu país, os jornais socialistas não têm redação. Mas vamos, a título de entretenimento, fazer de conta que há na Rússia uma imprensa quase normal. E que nesta imprensa colabore um Tristão de Athayde russo e oposicionista como aqui. Sabem o que lhe aconteceria na melhor das hipóteses e, repito, na melhor das hipóteses? Na primeira frase do seu primeiro artigo de oposição Dr. Alceu seria internado no hospício mais próximo. Segundo o mestre, estamos na mais furiosa das ditaduras e os Estados Unidos e a Rússia são a mesma coisa. Mas continuando a fantasia: — êle seria internado e amarrado num pé de mesa. Teria de beber água de gatinhas, numa cuia de queijo Palmira.

17

Mas o episódio dos documentos secretos do Pentágono demonstra, antes de mais nada, a vocação suicida da nação norte-americana.

Transamazônica: última grande aventura humana sôbre a Terra

No livro de impressões de visitas do 6º Escritório de Fiscalização do DNER, em Altamira, Pará, um jornalista francês escreveu: «La route transamazonique est la dernière grande aventure de la race humaine sur la face de la terre». Exato. A Transamazônica realmente é a última grande aventura de raça humana sôbre a face da Terra».

A margem da Transamazônica, em Altamira, Para, estão sendo instalados os colonos selecionados pelo INCRA, entre os agricultores sem terra, vindos de tôdas as regiões do País, principalmente do Nordeste

Mas vivida exclusivamente por brasileiros. Do primeiro engenheiro ao último peão, gente brasileira. Na chamada geral para a espetacular obra de integração nacional, acorreram dezenas de milhares de homens de todos os recantos do País a rasgar quase três mil quilômetros de estrada em plena selva. Abrindo picadas para o lançamento das linhas bases, avançando depois nos gigantescos desmatamentos, lançando máquinas a rasgar o chão e, finalmente, entregando os trechos prontos para o tráfego do progresso. Sob o sol e sob a chuva, enfrentando o perigo de feras e de selvagens, suportando o ataque implacável dos mosquitos, dormindo, vivendo na mata, transpondo rios, igarapés, patinhando nos igapós, nos banhados dos vales potâmicos, enterrando-se na lama vermelha da terra ferida, morrendo esmagados pelas árvores que tombam sôbre seus vencedores, ou nas ferragens dos «motoscrapes» descomunais que rolam nas ribanceiras escorregadias e traiçoeiras. Outros ficam insones, na luta contra o tempo, debruçados nas pranchetas de desenho, traçando, planificando, gravando no papel vegetal, metro a metro, o perfil das estradas. Muitos fiscalizando, orientando, discutindo os menores detalhes dos projetos das emprêsas construtoras, para que o trabalho seja entregue à Nação nos prazos previstos. E todos brasileiros.

Encontro marcado com a aventura

Todos brasileiros. Exemplo: a equipe de dezessete pessoas do 6º Escritório de Fiscalização do DNER, em Altamira, onde tínhamos marcado o nosso encontro com a grande aventura brasileira, a última do homem sôbre a face da terra. Do grupo, três são paranaenses, três baianos, dois cearenses, um alagoano, um amazonense, um rio-grandense do norte, um mineiro e cinco paraenses. O engenheiro-chefe, Deutermar Clemente Kovalczuk é paranaense. Seus auxiliares diretos, engenheiros Artur P. A. C. A. Wanzeller e Antônio Rodrigues de Carvalho, são do Pará.

Foi o Dr. Antônio Carvalho quem veio nos receber no pequeno aeroporto de Altamira, às margens do Xingu.

— Sejam benvindos — disse, estendendo-nos a mão. — desejamos que vocês façam um bom trabalho e contem conosco.

E contamos realmente com êles, com todos os que encontramos nas diversas frentes de trabalho da Transamazônica que visitamos. Em tôda parte, a mesma hospitalidade, franqueza, simpatia e desejo de colaborar conosco com solicitude e interêsse. Nos escritórios do DNER, nas emprêsas construtoras, nos diversos órgãos integrados no empreendimento colossal — o INCRA, a FUNAI, a FAG — da parte dos trabalhadores, estudantes estagiários, autoridades locais, do povo de Altamira e Itaituba.

Flagrantes, histórias e tipos da Amazônia

Levaram-nos a tôda parte, deram informações, contaram histórias. É o que vimos e ouvimos aqui vamos relatar, informações e histórias recolhidas no coração da Amazônia, numa das mais emocionantes experiências jornalísticas que já vivemos. Ao lado dos flagrantes apanhados em plena luta contra a selva, o voar do tempo e as inconstâncias do céu, aspectos da vida urbana e rural de duas pequenas cidades do Xingu a Tapajós. O desfile de surpreendente galeria de tipos humanos, da gente que lá foi trabalhar ou nasceu e vive lá. Aventureiros. O povo dos garimpos. Caçadores. As criaturas de um idealismo heróico, que se empenham em missões de meses e meses no meio da mata virgem, para tentar contato com tribos indígenas ainda desconhecidas, os sertanistas. Ou a gente desesperada e patética, que busca nos remotos lugarejos da Amazônia a fuga dos seus dramas vividos nas metrópoles.

Como o da moça da madrugada no aeroporto de Belém.

(A seguir: A Mulher da Madrugada)

CARROS ZERO QUILÔMETRO

Volkswagen	
Sedan 1.300	13.157,00
Sedan 1.500	14.123,00
Sedan 1.500 c/disco	14.281,00
Sedan 1.600 TL	15.781,00
Variant	16.259,00
Karmann-Ghia 1.600	19.517,00
Karmann-Ghia TC	21.553,00
Kombi st.	15.554,00
Kombi luxo	16.579,00
Pick-up	15.707,00
Furgão	15.125,00
Chrysler	
Dodge Dart, 4 portas	33.001,16
Dodge Darte cupê	27.648,50
Dodge Chargar 3 m	34.552,80
Dodge Chargar 4 m	36.397,36
Dodge Charger RT	41.341,60
Ford-Willys	
Galaxie 500	42.449,00
Galaxie	31.729,00
Corcel 4 portas, standard	17.331,00
Corcel 4 portas, luxo	18.561,00
Corcel cupê, standard	17.416,00
Corcel cupê, luxo	19.067,00
Corcel GT	21.756,00
Belina standard	18.025,00
Belina luxo	18.526,00
Belina luxo, esp.	19.818,00
LTD Landau mecânico	46.705,00
LTD Landau hidramático	51.564,00
Ford Aero	23.289,00
Ford Itamaraty	26.906,00
Rural 4x2, esp.	15.000,00
F-100 standard	24.853,00
Jeep universal	14.193,00
Pick-up F-75, stand., 4x2	16.331,00
FNM	
FNM 2.150 standard	25.240,00
FNM 2.150 luxo	27.770,00
Puma	
Puma GTS	28.325,00
Puma conversível	31.800,00
General Motors	
Opala 4 cil., especial	20.234,00
Opala 4 cil., luxo	24.815,00
Opala 6 cil., especial	23.052,00
Opala 6 cil., luxo	27.629,00
Opala 4 cil., grão-luxo	27.330,00
Opala 6 cil., grão-luxo	30.143,00
Opala SS 4.100 cc	30.541,00
Veraneio, varão econ.	27.546,00
Veraneio	30.713,00
Veraneio luxo	33.703,00
Pick-up C-1404	25.017,00

O PRÊÇO DO SEU AUTOMÓVEL

CARROS USADOS

(Os valôres são aproximados, variando de acôrdo com o estado de carro)

ANO	1970	1969	1968	1967	1966	1965	1964	1963
Volkswagen								
Sedan	11.300	10.200	9.300	8.200	7.500	7.000	6.500	5.900
Sedan 1.600	13.700	12.700	—	—	—	—	—	—
Karmann-Ghia	13.700	12.400	10.800	9.550	8.400	7.700	7.000	6.400
Kombi standard	10.300	9.800	8.800	7.600	7.100	6.500	5.900	5.200
Kombi luxo	11.300	10.300	9.200	8.200	7.600	7.100	6.350	5.800
Variant	15.500	—	—	—	—	—	—	—
Ford-Willys								
Galaxie 500	21.100	19.100	—	15.500	—	—	—	—
LTD mecânico	—	23.200	—	—	—	—	—	—
LTD hidramático	26.800	22.000	—	—	—	—	—	—
Corcel 4 portas, st.	11.500	10.300	—	—	—	—	—	—
Corcel 4 portas, luxo	13.000	11.000	—	—	—	—	—	—
Corcel cupê, stand.	11.800	10.800	—	—	—	—	—	—
Corcel cupê, luxo	13.300	11.300	—	—	—	—	—	—
Corcel GT	15.000	13.000	—	—	—	—	—	—
Belina	14.000	—	—	—	—	—	—	—
Aero	15.500	12.000	8.500	8.500	7.300	6.300	5.800	4.900
Itamaraty	15.000	13.500	11.500	9.500	8.000	—	—	—
Renault Gordini	—	—	4.900	3.700	3.150	2.650	2.400	2.150
Renault Dauphine	—	—	—	—	—	—	1.700	1.300
Jeap	9.200	9.200	7.200	6.000	5.200	4.800	4.000	3.800
Rural	10.400	9.800	8.200	7.300	6.300	5.500	4.700	4.200
General Motors								
Opala 4 cil., stand.	15.800	14.700						
Opala, 4 cil., luxo	17.300	16.200						
Opala 6 cil., stand.	15.000	14.900						
Opala 6 cil., luxo	17.500	16.400						
Veraneio C-1416	15.000	16.500	14.500	12.500	9.500	7.900	—	—
FNM								
FNM 2.150	16.000	12.500	—	—	—	—	—	—
FNM 2.000	—	—	9.500	7.500	7.500	6.500	5.500	4.600
Chrysler								
Dart, 4 portas	21.500	20.000	—	—	—	—	—	—
Esplanada - 1ª série	—	—	7.500	6.500	—	—	—	—
Esplanada - 2ª série	—	9.500	8.000	—	—	—	—	—
Regente - 1ª série	—	—	8.500	8.000	—	—	—	—
Regente - 2ª série	—	8.000	7.000	—	—	—	—	—
Emisul	—	—	—	4.500	—	—	—	—
Rallye - Tufão	—	—	—	—	4.700	4.300	3.800	3.500
Simca	—	—	—	—	—	—	—	—
Vemag								
Belcar	—	—	—	7.500	6.000	5.000	4.300	3.800
Fissore	—	—	—	8.200	6.700	5.300	4.900	—
Vemaguete	—	—	—	7.000	6.000	5.000	4.300	—
Puma								
Puma	15.500	14.700	13.500	12.500	—	—	—	—

Firma sofre três ataques de índios em uma semana nas obras da Transamazônica

Belo Horizonte — As frentes de trabalho da Construtora Mendes Júnior, na Transamazônica, foram atacadas três vêzes, na última semana, por índios, não se sabe se paracanãs ou araras, que depois de saqueá-las, raspam as cabeças dos operários com capim-navalha.

Segundo os comunicados recebidos pela sede da Construtora Mendes Júnior, os índios têm uma forte atração pelos teodolitos, utilizados pelos topógrafos nas linhas de frente dos dois trechos que estão sendo abertos pela emprêsa.

ATAQUES

Os ataques têm sido registrados entre os rios Anapu e Cutuerém, na região do Tocantins, e enquanto os índios cercam os trabalhadores com flechas, as suas mulheres saqueiam os teodolitos, víveres e roupas.

Depois disto, raspam com capim-navalha, os cabelos e as sobrancelhas, e, como forma de agradecimento, obrigam todos a dançar.

As turmas de trabalhadores, apesar de armados, não revidam as agressões, porque sabem que os ataques indígenas não trazem maiores consequências, mas ficam sem víveres, roupas e equipamentos até que venha novo carregamento, em aviões da emprêsa.

Os trabalhadores acham até que os ataques indígenas não são feitos com mêdo mas com o intuito de roubar, pois pela maneira de agir, êles fazem supor que já estavam esperando as roupas e os alimentos.

Isto é explicado pelo fato de que a Fundação Nacional do Índio está com funcionários além das linhas de frente, explicando às tribos indígenas os benefícios gerais que advirão com a construção da Transamazônica inclusive facilitando o transporte de tudo o que êles necessitam.

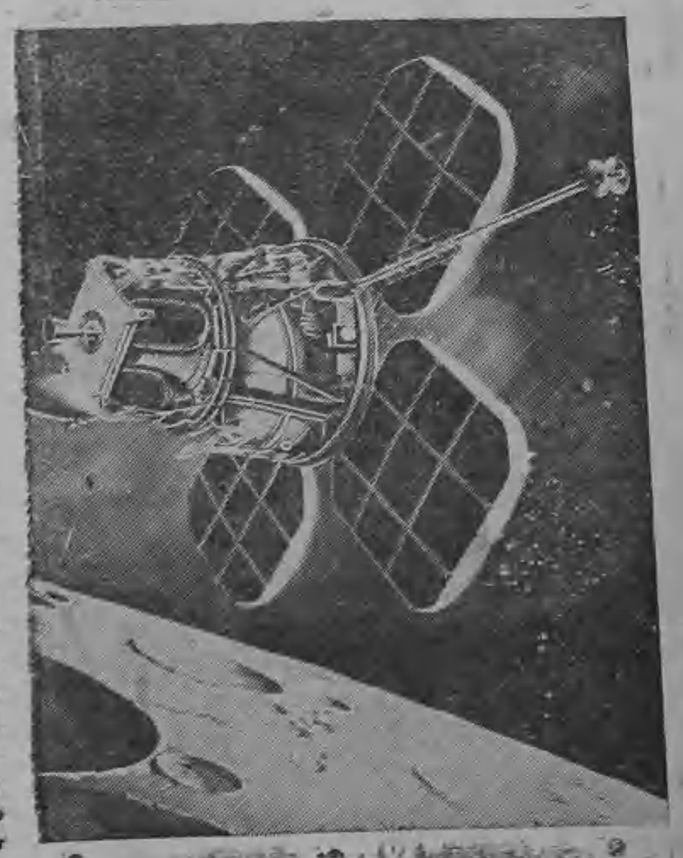
IMPERIAL PALACE HOTEL S/A.
CGC. N. 07.204.194
EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Pelo presente, ficam convocados os Senhores Acionistas a fazerem presentes à Assembléia Geral Ordinária do IMPERIAL PALACE HOTEL S.A., a se realizar em sua sede Social a Avenida Presidente Kennedy, 2900, às 10 horas do dia 30 de abril de 1971, para deliberarem sôbre a seguinte Ordem do Dia:

a) — Relatório da Diretoria sôbre o Exercício de 1970.
b) — Balanço Geral e respectiva conta de Lucros e Perdas do exercício de 1970.
c) — Eleição dos membros do Conselho Fiscal.
d) — Outros assuntos sociais.

Fortaleza, 19 de abril de 1971
Emílio Dalgalarrondo Pinheiro — Dir. Presidente
25, 29 e 30.4.71 (Cr$ 144,00) Tal. 32719

A união em tôrno dos mortos gloriosos



As imagens claras e épicas da viagem de 24 dias da Soyuz-11 foram bruscamente arrematadas pela cena final destoante, trágica: pela escotilha aberta da Salyut-11 a turma de resgate avistou três mortos. Entre as estrêlas, pela primeira vez na história do homem, os três cosmonautas haviam feito medrar os frutos da terra. Tinham plantado, em miniatura, uma horta cósmica. E agora os bandeirantes da técnica espacial, os cosmonautas, jaziam mortos. A condição humana os recambiava dos astros para serem, por sua vez, plantados na terra; pelas suas mulheres e seus filhos.

As vezes, diante dos êxitos recíprocos na corrida espacial, russo e americanos se cumprimentam num tom em que transparece alguma impaciência, uma ponta de aborrecimento. A mensagem de pêsames que agora enviou aos soviéticos a NASA era de uma comovente singeleza. Dirigia-se às famílias e aos colegas dos cosmonautas mortos e terminava assim: "...Nossos corações chegam até êles, em sua perda".

O que o mundo inteiro espera que medre dêsse sacrifício de mais três vidas em nome do progresso do homem no universo, é exatamente que soviéticos e americanos colaborem mais com os outros, para diminuir os riscos mútuos. São sete os heróis mortos nesta luta em que o homem deixa o antigo regaço materno a bordo de suas estrêlas tecnológicas. Em janeiro de 1967 o incêndio em terra de uma nave, Apolo matou Grissoma, White e Chaffe. Três meses depois, a queda da Soyuz-1 roubou a vida a Komarov. Agora, o mundo inteiro sente ainda o choque da morte, ao cabo da missão brilhantemente cumprida, de Gerogy Dobrovolski, Vladislav Volkov e Victor Patsaiev. E tempo de se unirem em tôrno desses mortos gloriosos os dois países que exploram o universo. E tempo de repetirem a si próprios que mesmo a melhor técnica e a mais exata ciência continuam a depender do valor humano.

As primeiras façanhas espaciais deram a muitos a impressão de que a tecnologia quase anulava o esfôrço e a coragem do homem, transformado em peça da máquina infinitamente sofisticada. Os marujos dos séculos dos descobrimentos pareciam bem mais heróicos, desbravando mares desconhecidos em embarcações absurdas, de tão precárias. Mas começaram agora com as viagens americanas à Lua e com o projeto russo de permanência no espaço, as verdadeiras provações do nôvo ciclo de descobrimentos.

Os cosmonautas mortos eram parte da pequena plêiade de homens que não são mais, apenas, cidadãos do mundo e sim o universo. Não podem ser sacrificados a nenhum preconceito ideológico, puramente terreno, a nenhuma desunião que possa resultar em vítimas. O velho mundo precisa merecer os arautos desta nova espécie. Clamam por uma união de esforços os sete corações que deixaram de bater para que o homem prossiga em sua aventura.

O ULTIMO CAPITULO DO POBRE PRAXIDES

O morro do Turano é um mundo. Os barracos vão subindo perigosamente pelas encostas. Alguns parece que se quilibram no ar, plantados em pequenas pontas de pedra. A maioria de zinco e de tábuas, mas há muitos de estuque, pedra e tijolos. É como tôdas as favelas, talvez mais íngreme que as outras. A cidade fica lá em baixo, quase inteira. Valetas onde os detritos e dejetos correm a céu aberto, onde as crianças pisam descalças. Não há água encanada e a maior parte não dispõe de luz elétrica. Os moradores sobem, quase sempre muitas vêzes por dia, equilibrando grandes latas de água nas cabeças.

Êsse mundo — mais precisamente o Pedacinho do Céu — foi o primeiro que se revelou para Praxidis, em 1958. Praxidis Silva das Dôres, como está na certidão. O nome ia ser Praxedes, como o do avô, que morreu em Minas, mas o oficial do Registro Civil errou e tudo ficou por isso mesmo. De qualquer forma nascendo no Pedacinho do Céu, ponto final do morro do Turano, êle seria a criança triste que é. Um menino de 13 anos muito compenetrado, de sorriso muito parcimonioso e que só fala o que é estritamente necessário para se fazer compreender. Mesmo agora, que vai morar na Zona Sul da cidade, num local de fácil acesso — um dos preferidos pela classe média carioca — êle continua silencioso, introspectivo. Alegre? Feliz? Êle responde quase sempre telegràficamente. "Foi bom". Ou "fiquei satisfeito". Tudo muito sêco sem aquêle entusiasmo que seria normal numa criança de 13 anos que, não tendo nada, de repente ganha quase tudo.

Êle nunca soube ao certo o que é "infância". Quando a mãe vivia êle ainda teve tempo para uma ou outra pelada. A vida era sempre muito apertada, mas ela sempre trabalhava além do limite para tornar as coisas mais fáceis para os quatro filhos. Um dia — 29 de setembro de 1970 — ela explodiu de tanto trabalhar. Praxidis se lembra muito bem dêsse dia e quando fala a respeito fica sério, quase assustado. Do pai êle nunca soube. ("Sumiu no mundo"). Seria meio arriscado dizer que Praxidis é uma criança amarga. Mas o seu silêncio, sua maneira de olhar, sua precocidade, no fundo, têm muito de agressão.

— Praxidis, nós somos jornalistas e queríamos conversar com você.

— Puxa, outra vez?

Praxidis já se cansou com tôda essa publicidade em tôrno do seu nome. Êle foi à televisão na esperança de ganhar qualquer coisa para ajudar a luta do dia-a-dia. Não esperava tanto e, por isso, parece assustado e cansado de tanta entrevista, tanta fotografia.

Foi no ano passado que êle desceu o morro pela primeira vez para encarar o mundo cá de baixo, em busca de meios de sobrevivência. Com a morte da mãe, quem iria sustentar a avó e os três irmãos. O tio Romão, que morava em Ricardo de Albuquerque, tinha mulher e uma filha, de poucos meses para sustentar, ganhando salário-mínimo. Não deva carregar nos ombros outra família. A avó, Maria, uma mulher firme, muito imbuída da mentalidade patriarcal do sertão de Minas, disse para Praxidis: "Você é o homem da casa". O menino, então, 12 anos, desceu o morro para se virar.

Êsse primeiro encontro com uma outra realidade, tão diversa da que êle conhecia, foi muito hostil. Êle só ouvia não das pessoas. Praxidis foi fazer carrêto nas feiras-livres. Fazia isso de manhã e estudava à tarde. Mas acabou não aguentando. Deixou a escola. Romão sempre que podia, fazia umas horas extras no seu serviço e êsse dinheiro levava para a mãe e os sobrinhos. Maria chamou o filho para morar no barraco. Êle veio, com a mulher e a filhinha, dividir com a mãe e os sobrinhos um minúsculo barraco de estuque, chão de terra batida.

Romão fala que as dificuldades eram tantas, que êle pensou em internar as crianças, através do Juizado de Menores. Maria foi contra. O caminho era encontrar um emprêgo melhor para Praxidis. Como não ter Carteira Profissional tinha sido, até então, o motivo das muitas negativas de emprêgo, foram ao Ministério do Trabalho tão imprescindível. Diante da carteira, as pessoas diziam agora que não podiam empregar um menino pequeno como êle. Chegou a perder as esperanças, até que arranjou um lugar de apanhador de jornais na Cruzada Nacional de Educação. Ficou por lá uns três meses. Depois, Romão, conseguiu um lugar para êle no seu próprio emprêgo: o Instituto de Cultura Jurídica. Começou com Cr$ ... [illegible], e agora está com Cr$ ... [illegible], na época recebia muitos ofícios no minúsculo barraco do Pedacinho do Céu.

Com o emprêgo na Cultura Jurídica, Praxidis pode voltar aos estudos. Está fazendo o terceiro ano na Escola Primária Pereira Passos", a noite. A vida ali é muito cheia. O dia começa às 5 horas. Acordar é sempre uma luta. Desce o morro com o tio Romão para estar no trabalho às sete. Sai às 17 horas e vai direto para a escola, que começa às sete da noite. Diz que assiste às aulas quase sempre muito cansado, mas não chega a dormir. Gosta da professôra, Nanci, que acha compreensiva e amiga dos alunos. A aula acaba às 22 horas. E da Praça Viscondessa Paulo de Frontin até o Morro do Turano é um bom pedaço, que êle faz a pé, para depois subir mais de três quilômetros de morro. Em casa, só depois das onze. "Êle já chega dormindo em pé", diz a avó.

Adelaide Moreira Pinto, funcionária do Instituto de Cultura Jurídica e do Juizado de Menores, é muita amiga de Praxidis. Outro dia, ela o chamou e perguntou: "Por que você não vai no Programa do Flavio Cavalcanti, concorrer àquele prêmio de arrimo de família"? Praxidis, a princípio, ficou meio em dúvida, mas, depois; se animou. Foi sòzinho fazer a inscrição. Estava interessado apenas no prêmio de Cr$ 1.000,00. "Um dinheiro que dava para ajudar um pouco". O que veio, depois, superou sua expectativa e êle ainda está meio desconfiado e assustado. Mas diz que não vai mudar.

— Não vou, só por causa disso, deixar de ser amigo do pessoal do morro. Sempre que puder, volto lá.

Praxidis sabe que existem milhares de outros meninos como êle, de vida difícil como a dêle. [illegible] e aprendeu desde muito cedo. E sabe também [illegible] solução para todos êsses problemas não pode ser igual à que deram ao problema dêle, nada mesmo. Não tendem não está alegre pela vida que vai começar aqui em baixo. Sua avó diz que, depois de uma vida tão sofrida, as pessoas ficam muito desconfiadas. Além disso, a família dele é mineira do sertão.

— E o futuro, Praxidis?

— Não sei, não. Eu penso muito, sabe? Tenho vontade de estudar. Queria ser médico, mas sei que tenho pouca "chance", por causa de dinheiro e da responsabilidade da família. Vamos ver. Penso nos meus irmãos. Quero que êles estudem bastante também. Quero todo mundo junto, sempre, com vovó. Quero que a gente seja sempre honesto, trabalhador.

Essa maneira de pensar foi cunhada pela avó, uma mulher enérgica, que, aos 60 anos; dá impressão de grande vitalidade e lucidez. Ela veio de Minas em busca de uma vida melhor. Não foi melhor nem pior. Sofreu muito aqui. Foi morar no morro. Mas não tinha escolha. ("Voltar para onde"?). Alguns anos de vida no morro não a marcaram. Nem marcaram o filho que restou — Romão, o rapaz alto e calado, que não fala gíria. Os netos foram educados na mesma trilha. Eles são diferentes das outras crianças do morro.

A maneira de ser, de falar, de pensar. Na preocupação com o trabalho, que começam desde cedo a enfrentar.

Tudo vai mudar, mas êles não riem não saltam de alegria. Preferem o comedimento de uma expectativa desconfiada. E não escondem uma certa dúvida, um certo medo das agressões do "mundo lá de baixo". Pensam na adaptação à nova vida, que pode ser difícil. Mas já está decidido. Para o bem ou para o mal (para quem mora no morro pouca coisa pode ser pior) êles vão descer para o nôvo endereço, na Glória.

Prefeitura Municipal de Teresina

SUPERINTENDENCIA DE URBANIZAÇÃO E OBRAS PUBLICAS (SUOP)

A V I S O

A SUPERINTENDENCIA DE URBANIZAÇÃO E OBRAS PUBLICAS da Prefeitura Municipal de Teresina, avisa aos interessados que se encontra afixado na Portaria da SUOP. O Editorial No. 01/71 de Tomada de Preços, para aquisição de uma Usina Misturadora de Asfalto com capacidade de 10 a 15 toneladas por hora.

Quaisquer informações serão prestadas aos interessados no horário das 7,00 às 12,30 e de 14,00 às 17, horas na sede da SUOP até o dia 22 de Julho de 1971.

Teresina, 28 de Junho de 1.971

Engo. José Francisco de Almeida Neto

— SUPERINTENDENTE —

Aumento da renda per capita do Piauí é o objetivo do Govêrno Alberto Silva

O Governador Alberto Silva

POSSO DIZER QUE O OBJETIVO CENTRAL DE MEU GOVERNO CONSISTE NA CONQUISTA DA ELEVAÇÃO DA RENDA "PER CAPITA" DO POVO PIAUIENSE E TODAS AS MEDIDAS CONSTANTES DE MEU PLANO DE GOVERNO VISAM A ATINGIR ESSA META FUNDAMENTAL: PROPORCIONAR TRABALHO EFETIVO, PERENE, AO MAIOR NUMERO POSSIVEL DE PESSOAS, NUM APROVEITAMENTO, TANTO QUANTO POSSIVEL, TOTAL DA MAO-DE-OBRA OCIOSA DE QUE DISPOMOS — DECLARA O GOVERNADOR ALBERTO TAVARES DA SILVA, AO DAR O BALANÇO DOS TRÊS PRIMEIROS MESES DE SUA ADMINISTRAÇAO.

— Recebi o Govêrno do Piauí como mais uma missão em minha carreira profissional. E como é de meu feitio, qualquer que seja o trabalho a que me dediqeu, estou metido de corpo e alma nessa honrosa tarefa que me foi confiada pelo Presidente da República — acrescenta. — E como não poderia deixar de ser, venho recebendo pleno apoio do Govêrno Federal na execução de meu Plano de Govêrno. De todos os Ministérios e de tôdas as repartições federais, autárquicas, paraestatais ou de economia mista, tenho encontrado a maior compreensão e boa vontade no encaminhamento de providências em favor do Piauí. Há, sem dúvida alguma, uma extraordinária boa vontade para com meu Estado, a começar do Presidente Médici. E direi mais: essa sua boa vontade não é gratuita, nem paternalista, mas resultante da determinação presidencial de proporcionar a todos os Estados, a todos os brasileiros, a conquista dos benefícios, resultantes do desenvolvimento econômico. Pessoalmente, procuro seguir, na medida do possível, o exemplo do próprio Presidente Médici: assim como êle tudo faz para estender a todos os brasileiros as possibilidades de usufruir uma vida melhor, também eu procuro, guardadas as devidas proporções, criar condições para que todos os piauienses participem, efetivamente, dos benefícios que a civilização moderna nos proporciona.

CARNAÚBA

O Governador Alberto Silva enumera todo um elenco de medidas que já conseguiu efetivar e tôdas voltadas no sentido de proporcionar trabalho aos piauienses.

Uma de suas primeiras providências consistiu na recuperação da cêra de carnaúba, conseguindo que o Govêrno Federal incluísse êsse produto básico do Estado na política de preços mínimos.

— E o resultado — diz o Governador Alberto Silva — foi altamente benéfico, pois a cêra de carnaúba, deixa assim, a posição aviltante em que se encontrava há muitos anos e passa a proporcionar emprêgo direto a cêrca de 100 mil pessoas. Isto quer dizer que, se entre os que se dedicam a cêra de carnaúba haverá mais de 100 mil pessoas que já estão aumentando sua renda "per capita". E a tendência é para que êsse número aumente cada vez mais, pois a cêra de carnaúba tem condições de obter, no mercado internacional, preços ainda maiores que os atuais.

PREÇOS MÍNIMOS

Os preços mínimos não foram estendidos, apenas, à cêra-de-carnaúba, mas aos demais produtos agrícolas piauienses.

E essa medida é apontada pelo Governador como de extraordinária importância para o Estado.

— Realmente, a implantação efetiva da legislação dos preços mínimos no Piauí, já é uma realidade. Essa implantação, na verdade foi antecipada com grandes benefícios para a produção agrícola regional. E se completa com a criação da Delegacia da CIBRAZEM no Piauí — diz o Governador Alberto Silva.

Informa que, diante dessa nova situação, foi desenvolvida uma intensa campanha de divulgação da política de preços mínimos em cinquenta municípios do Estado, através de uma campanha executada, notadamente, através do rádio.

Nessa campanha, os produtores eram estimulados no sentido de produzir ao máximo e não vender aos atravessadores, por preços aviltantes, mas aguardar a aquisição de seus produtos dentro da nova política governamental implantada no Estado.

PÔRTO

Outra medida do maior alcance já em andamento é a construção do Pôrto de Amarração, em Luiz Correia. A execução dessa obra, em si, já vai proporcionar trabalho direto a grande número de piauienses, aumentando-lhes a renda "per capita", dentro mesmo da política de seu atual govêrno.

Entretanto, Pôrto de Amarração tem um objetivo diferente. Não se trata de construir um porto, visando a importar e exportar simplesmente. Segundo o Governador Alberto Silva, o Pôrto de Amarração, proporcionará mercadorias de consumo direto. Essas uma redução de 40% nos preços das por transporte rodoviário, percorrendo mercadorias chegam ao Estado, hoje, do distâncias de até 3.000 km ou mais, encarecendo extraordinàriamente o seu custo e descapitalizando o Estado.

RODOVIAS

Outro item importante dentro das metas governamentais do Engenheiro Alberto Silva é o que se refere a construção de rodovias. Dentro dessa meta, se insere como fundamental a ligação longitudinal Parnaíba-Cristalândia, ou seja, a ligação rodoviária de Norte a Sul do Estado, integrando tôdas as regiões, o que permitirá o escoamento da produção de tôdas as regiões do Estado, de umas para as outras, numa distribuição horizontal a tôda a população. Êste fato é apontado como da maior importância, pois, ao mesmo tempo em que estimulará os produtores agrícolas permitirá que as populações regionais usufruam das vantagens de consumir os produtos do próprio Estado, os quais lhe chegarão, evidentemente mais baratos.

PESCA

Já está comprovado que o litoral piauiense é farto em lagosta, camarão e peixes nobes. Até agora, entretanto, os pescadores piauienses pouco ou quase nada têm usufruído dessa imensa riqueza.

Entretanto, as coisas começam a se modificar com a implantação, pelo Grupo Gentil, do Ceará — o maior exportador de lagosta do País — de um frigorífico e de tôdas as instalações pesqueiras necessárias à industrialização da pesca, em Parnaíba.

ERRADICAÇÃO DO BOTULISMO

Em épocas anteriores, o Piauí possuiu um dos maiores rebanhos do País, exportando para todo o Nordeste e para a Região Amazônica.

Sua pecuária, entretanto, não evoluiu na mesma medida da criação de outras regiões.

Dentro, porém, da nova mentalidade que se implantou no Estado, verifica-se, atualmente, um grande esforço no sentido de recuperar o tempo perdido. Os fazendeiros tudo fazem para isso. E o Govêrno atual, por sua vez, desenvolve intensa atividade para tornar êsse objetivo ainda mais viável.

Assim é que, com o apoio do Ministério da Agricultura, uma grande campanha de erradicação do botulismo vem sendo executada.

No caso da pecuária, entretanto, o trabalho não se restringe, apenas à erradicação do botulismo, fato que em si, já é de extraordinária importância para o Estado.

Uma série de providências estão sendo tomadas com a finalidade de desenvolver, ràpidamente, a produção pecuária do Estado. E uma delas se refere à recuperação do FRIPISA (Frigorífico do Piauí S.A.), estabelecimento industrial construído dentro da mais evoluída técnica e o único situado fora do Rio Grande do Sul capaz de produzir carne para exportação.

Ao FRIPISA está destinado um papel relevante, não apenas para a economia piauiense, mas de todo o Nordeste, pois os produtos ali industrializados serão consumidos tanto pelo Piauí como pelos demais Estados nordestinos.

Outra medida de grande alcance para a pecuária piauiense consiste no trabalho, ora em execução, por técnicos do Ministério da Educação e destinado à implantação de cooperativas de criadores de gado no Estado.

ATRAÇÃO PARA EMPRESÁRIOS

Como consequência da nova imagem que já começa a despontar, o Piauí, segundo o Governador Alberto Silva, está sendo visto com bons olhos pelos empresários do Sul do País, e até mesmo do estrangeiro.

— Basta dizer que o poderoso grupo Rotschild já está no Piauí — diz o Governador Alberto Silva —. Em sociedade com o Grupo Klabin, o Grupo Rotschild está implantando um grande pilocarpina — alcalóide extraído do projeto industrial, visando à produção jaborandi —, corantes e extratos de urucu e de pimenta.

O Govêrno do Piauí está oferecendo facilidades de tôda natureza para quem quiser investir no Estado, que possui ótimas terras para a agricultura e a pecuária, além de uma fabulosa riqueza mineral: mármore opala, diamantes, urânio, salgema, fosfatos e outros. E a CPRM está com um escritório instalado em Teresina, destinado à pesquisa de carvão, investindo nesse projeto a soma de 25 milhões de cruzeiros.

— O meu Govêrno pretende ser fiador dos investimentos agropecuários no Piauí — afirma o Governador Alberto Silva.

PROETO PIAUI

Os piauienses, eufóricos, afirmam que chegou a hora e a vez de seu Estado. E apontam numerosos fatos comprovadores disso. O mais recente: a Universidade do Piauí que foi estruturada igualzinha à de Brasília.

— E é com satisfação que digo que o Ministro Jarbas Passarinho cumpriu o que prometeu: deu ao Piauí uma Universidade em tudo por tudo semelhante à de Brasília. E deu mais: uma equipe técnica constituída de elementos de gabarito, o mais alto, saídos da Universidade de Brasília e do próprio MEC, a fim de tornar a Universidade do Piauí uma realidade verdadeira, funcionando plenamente em todos os seus departamentos e não ficando, apenas, no papel. E ainda: deu a Universidade do Piauí o mais jovem reitor do País: o professor Élcio Uchoa Saraiva, decano da UNB, PHD e formado pela Universidade de Wisconsin, o qual fará, com sua inteligência, sua juventude de apenas 29 anos e sua extraordinária equipe técnica, da Universidade do Nordeste.

E na mesma ordem de idéias, o Governador Alberto Silva fala do Projeto Piauí, um projeto de desenvolvimento apoiado na própria Universidade do Piauí, o qual será efetivado sob a direção do antropolista Prof. João Ribeiro Moreira de Sousa. Êsse cientista contará com a colaboração de vinte e cinco técnicos de diversas especialidades.

Será um projeto dinâmico, que se propõe a desenvolver o Estado segundo modêlo brasileiro, dentro da tese de participação global. Essa será uma experiência destinada a inovar no País.

TURISMO

Outro item que está recebendo especial atenção por parte do Govêrno Alberto Silva é o turismo. Uma infra-estrutura adequada está sendo estudada para implantação imediata inclusive com a construção de hotéis em Luis Correia, Parnaíba, Pedro II, Sete Cidades e a reforma do Hotel Piauí, em Teresina.

Por outro lado, o Prefeito de Teresina está executando um avançado plano urbanístico o qual transformará a Capital piauiense numa moderna, evoluída bela, e atrativa cidade.

Uma verba de 3,6 milhões de cruzeiros será aplicada na urbanização de Teresina segundo projeto do urbanista Alexandre Costa.

O Teatro 4 de Setembro receberá uma ampla reforma e será dotado, inclusive, de escolas de Teatro e de Balé.

É sonho do Governador Alberto Silva promover o desenvolvimento do esporte em seu Estado de tal forma que, ainda em seu Govêrno seja um Clube do Estado incluído no Campeonato Nacional de Futebol.

— As linhas de transmissão de Boa Esperança levam energia para a industrialização de todo o Estado do Piauí.